



Prof. Dr. Pedro Demo (UnB)

Biografia:

Pedro Demo é PhD em Sociologia, pela Universität Des Saarlandes, Alemanha, (1971). Professor titular aposentado e emérito da UnB. Publica em metodologia científica e sociologia da educação. Atualmente é professor da pós-graduação em Direitos Humanos e Políticas da Infância e Juventude da UnB. Contato: pedro@unb.br.

Entrevistador:

Danilo Luiz Silva Maia (UnB)

Graduado (2008) e mestre (2012) em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB). Doutorando em Metafísica pela UnB (2023). Professor de Filosofia da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Contato: danilo.maia@edu.se.df.gov.br.

Ser professor é cuidar da autoria do aluno

Nota contextual: Dando continuidade à série de entrevistas sobre pesquisa, divulgação científica e Educação Básica (EB) e, como parte das celebrações dos 10 anos da Revista Com Censo (RCC), em 2024, Pedro Demo é o segundo entrevistado e traz reflexões importantes sobre a relevância da pesquisa como princípio formativo para a difusão do conhecimento e popularização da ciência. A trajetória de Demo se confunde com as principais reflexões sobre a prática da pesquisa na EB que aliam a sofisticação acadêmica e a aplicação prática no cotidiano escolar, visando superar lacunas na produção de conhecimento teórico e metodológico de professores. O entrevistado ainda enfatiza a relevância dos periódicos como o espaço necessário para promover o uso e partilha da pesquisa na Educação Básica.

1. Pedro Demo, seu trabalho é amplamente reconhecido como uma referência central no uso da pesquisa como recurso formativo na Educação Básica. Você é autor de obras importantes, como *Pesquisa: Princípio Científico e Educativo* (1990) e *Educar pela Pesquisa* (1996), nas quais defende a ideia de explorar a pesquisa em seu princípio educativo. Isso implica em buscar a aprendizagem dos estudantes por meio de práticas de pesquisa, tendo os professores como orientadores e exemplos pessoais de busca pelo saber. Você também sugere que a aprendizagem pela pesquisa é fundamental para o desenvolvimento humano, não apenas e especificamente para gerar futuros pesquisadores, mas principalmente para formar cidadãos plenos. Fale um pouco sobre a potência da formação pela pesquisa na Educação Básica ante o desenvolvimento da cidadania e a promoção de uma sociedade com valores democráticos consistentes e robustos.

Pedro Demo: A ideia da pesquisa como central para produzir ciência e formar cidadãos críticos autocríticos não é nova, nem é minha. Há outros nomes como aprendizagem por projeto, problema, integração de conhecimento, etc. Exemplo é a obra *Science learning and instruction: taking advantage of technology to promote knowledge integration*¹. Talvez o maior seja de Piaget, que defendia educação científica como pesquisa já no pré-escolar. Em nosso contexto, acentuei o lado educativo (cidadão) da pesquisa, para formar gente que sabe pensar, como conhecimento de causa, capaz de conviver com divergências (essenciais para aprender). A ideia ganhou ímpeto maior com a neurociência, que reacendeu a ideia socrática maiêutica: cérebro e sentidos são órgãos autorais, não reprodutivos, participativos, interpretativos, enquanto na escola predomina a reprodução, trabalhada fortemente por Bourdieu e Passeron. Dehaene, neurocientista francês cognitivista e positivista,

¹ Linn, Marcia C.; Eylon, B.-S. Routledge, N.Y., 2011.

mesmo criticando educar pela pesquisa, reconhece que órgão passivo não aprende e que grande parte das aulas são inúteis. A universidade, porém, nunca correspondeu, porque está parada no instrucionismo clássico (desde o início do século passado, veja *Tempos Modernos* de Chaplin), e não muda a (de)formação dos professores básicos – deforma profissionais do ensino, deixando de lado que o ensino só faz sentido se virar aprendizagem.

2. A pesquisa, em sua essência, possui uma característica filosófica, valorizando diferentes saberes, cultivando humildade diante dos desafios do conhecimento e estimulando constantes indagações. Essa atitude de questionamento genuíno – modesto e visceral – poderia ser vista como uma diretriz que nos alerta sobre o que a educação não deveria ser: uma fonte de posturas totalitárias e acrílicas. Na sua visão, quais aspectos poderíamos considerar como principais “rejectivos” da Educação Básica? Ou seja, opostos aos objetivos que almejamos? O que a educação não deveria se tornar ou ser? Ou, em outras palavras, do que precisaríamos mais para proteger a Educação Básica?

Pedro Demo: O aspecto que mais me incomoda é que a escola não é feita para aprender, mas para repassar currículo. Não é uma instituição feita para o aluno, dele; é do professor que cuida do currículo e considera o repasse suficiente para aprender. Os dados negam isso veementemente. Se partíssemos do aluno, nunca daríamos uma aula de 50 minutos para uma criança de cinco anos (alfabetização), porque é uma aberração, uma docilização inaceitável. Sendo lúdica, a criança precisa mover-se, falar, brincar, não ficar escutando um adulto como público cativo. A pesquisa pode cultivar a crítica autocrítica, a divergência educada, a diversidade de olhares, a congregação de saberes.

3. Um desafio recorrente no contexto do educar pela pesquisa (EPP) é a falta de preparo, de recursos e de apoio da gestão, que muitas vezes encara essa abordagem como “excesso”, quando ainda haveria carências consideradas mais básicas a serem supridas. Utilizar a EPP como referência para enfrentar os desafios da Educação Básica, especialmente na esfera pública, pode soar utópico a alguns ouvidos. Como podemos manter o otimismo diante desse desafio, sem cair em ingenuidades? Quais medidas você consideraria viáveis para superar a escassez de apoio estrutural, administrativo e pedagógico? E como lidar com as lacunas no conhecimento teórico e metodológico de professores e estudantes na Educação Básica?

Pedro Demo: Mantemos uma visão obsoleta de professor (profissional do ensino). Muitos países já exigem mestrado (na Colômbia, América do Sul, por exemplo, teria mais de 50% de mestres), para garantir que o professor saiba pesquisar como critério fundamental da aprendizagem autoral. Hoje vemos o docente como autor, cientista, pesquisador, além de letrado digitalmente e comprometido ambientalmente.

Nesta perspectiva, a formação docente (também a formação permanente) é totalmente antiquada. Nosso professor não tem texto próprio, proposta autônoma, autoria exemplar (basta ver o Enem, redação não existe). Não sabe pesquisar, não sabe o que é ciência, muito menos construí-la.

4. Os periódicos da SEEDF – RCC e RCCJ – foram inspirados e guiados pelo desafio metodológico do educar pela pesquisa na Educação Básica. São espaços destinados a incentivar os profissionais da educação a sistematizarem suas reflexões pedagógicas e a introduzir os estudantes diretamente no universo da discussão e produção científica. Esses periódicos funcionam como instrumentos de partilha dos conhecimentos produzidos na escola e em suas atividades pedagógicas, tanto por professores quanto por alunos, com o objetivo de proporcionar uma formação continuada diferenciada para os docentes e de estimular o surgimento de novos pesquisadores entre os estudantes. Como você avalia essa estratégia de criar e manter periódicos científicos na gestão da Educação Básica pública? Você acredita que esses periódicos possam ser ambientes propícios para promover o uso da pesquisa na Educação Básica, de modo a possibilitar um equilíbrio entre a sofisticação acadêmica e a aplicação prática da pesquisa educacional por docentes e estudantes na Educação Básica?

Pedro Demo: Excelente. Professor precisa menos de “instrução” (como são os cursos *lato sensu*) do que de chance autoria, pesquisa, produção própria, produção em grupo, etc. Os periódicos são estratégicos.

5. Como você sugeriria que fosse uma relação mais profícua entre a formação continuada dos profissionais da Educação Básica e a disponibilidade de periódicos científicos em um contexto intimamente ligado à Educação Básica?

Pedro Demo: A universidade precisa diagnosticar a atuação docente na escola e logo ver que a aprendizagem é muito insuficiente e decadente (efeito desaprendizagem). Sem diagnóstico, mantemos mais do mesmo, sobretudo não mudamos a formação básica que já não condiz com o mundo de hoje. Diagnosticando, precisa mudar radicalmente a formação, para que o professor possa estar à altura dos alunos. A escola não está à altura dos alunos, sobretudo dos mais pobres, impedindo um aproveitamento adequado dela para a vida deles. Grande parte das aulas é inócua, não porque o professor tenha alguma “culpa”, mas porque lhe falta formação em especial. A aprendizagem ocorre na mente do estudante, não na aula, no repasse curricular, embora este seja importante também. Hoje, com GPT-4 e similares, se for só para “dar aula”, são mais efetivos e interessantes. Mas professor é crucial para cuidar da autoria dos alunos. Faltam na escola atividades de aprendizagem (ler, estudar, elaborar, pesquisar, fundamentar...), que são fundamentais para saber pensar e agir.